

Educação

Ao tentar provar que o hábito da leitura não é muito comum aos jovens, a professora Alice Vieira deparou-se com uma realidade inesperada.

Surpresa: os jovens lêem. E não apenas best-sellers.

A intenção era provar a hipótese de que os jovens não lêem, ou lêem muito pouco. Mas, qual não foi a surpresa da professora Alice Vieira, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, ao verificar que o jovem lê sim e o que é mais espantoso: alguns lêem mais fora do que dentro da escola. Eles preferem as ficções brasileiras e os **best-sellers**, mas lêem também Machado de Assis, José de Alencar, José Lins do Rego e, embora em porcentagem pequena, livros sobre política, psicologia e até parapsicologia.

A escolha feita pelos 580 alunos do segundo grau de escolas estaduais e particulares pesquisados é tão heterogênea quanto a relação dos livros lidos por eles: Medéia, O Cortiço, Filosofia Política de Fidel Castro, Che Guevara, Camisola de Dormir, Calabar, e Metamorfose, O Caso dos Dez Negrinhos, Eram os Deuses Astronautas? Vidas Secas, A Terceira Viagem... E entre os **best-sellers**, uma

relação enorme dos livros de Sidney Sheldon: Um Estranho no Espelho, A Herdeira, A Ira dos Anjos, Reverso da Medalha, Se Houver Amanhã. Entre os policiais, todos os livros de Agatha Christie.

"Sabemos que são livros que, geralmente, seguem esquemas provados e aprovados, com certa dose de erotismo, retratando o submundo, do crime, da política, da espionagem e da violência, onde a pseudo-reflexão se faz de maneira superficial. Mesmo assim, a professora acredita que, de forma geral, os **best-sellers** podem motivar a leitura de outros livros e, sempre, será "melhor ler Sidney Sheldon do que não ler nada".

A pesquisa realizada em 1983 e apresentada este ano como tese de doutorado verificou que os **best-sellers** são lidos espontaneamente pelos alunos, significando 37% da leitura "não-indicada" pelos professores. E é no mínimo curioso saber que o índice de livros não indicados (55,1%) é superior



ao de livros indicados (44,1%). Dados que, segundo ela, talvez sejam o "reflexo de uma política educacional pouco preocupada com a real formação de leitores", e a possibilidade da leitura "não ser bem explorada pela escola". Ou, o que é mais, grave, "expressa a incorporação de certos clichês sociais, que

afirmam a falta de interesse dos jovens pela leitura e, portanto, é inútil empreender atividades dessa natureza".

A ficção brasileira fica com 77% das indicações dos professores aos alunos. Fato que, de certa forma, já era esperado, "visto que as indicações e cobranças de leitura,

geralmente, são feitas pelo professor de literatura e seu trabalho limita-se, no mais das vezes, a escritores brasileiros". Uma realidade, principalmente na rede estadual de Educação, porque, segundo se apurou, "a boa literatura estrangeira é bastante valorizada nas escolas particulares".

Outra surpresa: os percentuais de ficção portuguesa, ficção estrangeira, poesia e literatura dramática chegam a ser inferiores aos de ficção infantil e juvenil. Alice reconhece que muitas das obras "são excelentes" e são lidas por jovens e adultos com enorme prazer. "Mas são livros pertinentes para os 13, 14 anos", esclareceu, lembrando que a faixa etária dos alunos entrevistados é dos 17, 18 anos. Os mais lidos foram: A Vaca Voadora, E Agora?, O Caso da Borboleta Atíria, O Gênio do Crime, Alice no País das Maravilhas, O Pequeno Príncipe e até o superinfantil, O Menino Maluquinho.

Com isto, torna-se evidente

um aspecto já detectado por professores em salas de aula, principalmente no primeiro grau: alunos, às vezes, com mais de 14 anos, que tiveram pouco contato com leitura, procuram livros em que predominam as imagens. São jovens que, teoricamente, estariam na adolescência, mas que apresentam comportamento "semelhante ao de crianças pequenas, em início de alfabetização".

Excetuando-se os **best-sellers** e os livros de ficção brasileira, as outras categorias de leitura são praticamente ignoradas. A não ser, é claro, quando são indicados, como por exemplo, O Cortiço, de Aluísio Azevedo.

Segundo Alice, os **best-sellers** são procurados como leitura "de repouso", de distensão e lazer, talvez por não oferecerem muitas dificuldades a nível de língua e estarem disponíveis nos jornaleiros, supermercados, farmácias e clubes de livros.

Rita de Biagio